



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de 2012

A RECRIAÇÃO FICCIONAL DE ESCRITORES NO ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Altamir Botoso¹

RESUMO: A proposta deste artigo é apresentar um panorama do romance histórico brasileiro contemporâneo que se baseia na recriação de escritores brasileiros tais como Machado de Assis, Clarice Lispector, Augusto dos Anjos, Graciliano Ramos dentre outros. Desse modo, a ficção possibilita a revalorização e novas interpretações de autores e textos literários produzidos no Brasil desde o movimento Barroco até o Modernismo.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico; Narrador; Literatura brasileira; Intertextualidade.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present an outline from contemporary brazilian historical novel that is based on the re-creation of brazilian writers such as Machado de Assis, Clarice Lispector, Augusto dos Anjos, Graciliano Ramos among other. In this way, fictions allows the revalorization and new interpretations of authors and literary texts produced in Brazil since Baroque school until Modernism.

KEYWORDS: Historical novel; Narrator; Brazilian literature; Intertextuality.

Introdução

A história e a literatura são discursos que sempre se mantiveram muito próximos. Segundo Heloisa Costa Milton (1992, p. 8), ambas são senhoras de linguagem, imaginação e reflexão e conservam uma relação solidária que perdura ao longo dos séculos na literatura ocidental:

O fato é que a ficção literária e a história guardam entre si estreita solidariedade, como instâncias que são de representação da experiência humana e pela natureza basicamente narrativa de seus respectivos discursos, que encontram na categoria do tempo o grande eixo estruturador. [...] (Milton, 1992, p. 9).

A literatura de ficção e a história, portanto, têm sua origem na linguagem, são sistemas de signos que, ordenados intrinsecamente, tornam-se escrituras específicas, que

¹ Doutor em Letras, área de Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis-SP e professor de língua portuguesa do Curso de Publicidade e Propaganda e do Mestrado em Letras e em Comunicação da Universidade de Marília-SP – UNIMAR.



redescobrem e reinventam acontecimentos e personalidades do presente e do passado. Estes dois tipos de discursos distinguem-se pelo tipo de convenção que os organiza, isto é, a veracidade para o campo historiográfico e a verossimilhança para a narrativa ficcional (Milton, 1992, p. 9).

A proximidade entre a narrativa historiográfica e a ficcional resultou num subgênero que ficou conhecido como romance histórico, ganhando bastante relevo no século XIX, com as obras do escritor escocês Walter Scott (1771-1832). As produções ficcionais desse autor sedimentaram os fundamentos do romance histórico tradicional que são os seguintes: situam a ação num passado real, histórico; reconstroem a época em que se situa a ação; são obras híbridas que mesclam invenção e discurso historiográfico e cujas personagens centrais são fictícias e a história serve como pano de fundo para tais enredos.

A partir do modelo scottiano, o romance histórico evoluiu e personagens e eventos históricos passaram a ocupar o centro das narrativas, além do fato de tais obras valerem-se da intertextualidade, da paródia e da metaficção na sua construção. Esse tipo de romance vem sendo caracterizado, no Brasil, por teóricos e críticos, como romance histórico contemporâneo e uma de suas vertentes é aquela que se dedica a ficcionalizar escritores brasileiros, transformando-os em protagonistas de obras ficcionais:

Na vasta galeria de personagens históricos ficcionalizados nos últimos anos, merecem destaque os próprios escritores. Vários romances trazem como protagonistas escritores da literatura brasileira e, por intermédio deles, contam não apenas a história do Brasil, com seus múltiplos dilemas, mas sua inserção na vida cultural e especialmente a história do próprio cânone literário. [...] (Esteves, 2010, p. 123).

Ainda de acordo com Antonio Roberto Esteves (2010, p. 124), os romances históricos contemporâneos que recriam escritores da literatura brasileira diferem quanto ao objetivo de seus autores:

[...] os protagonistas dos romances podem variar, de acordo com os objetivos dos escritores. Assim, em algumas obras há o claro objetivo de fazer lembrar algum escritor esquecido pela historiografia vigente; em outros, o desejo de humanizar algum nome exageradamente mitificado pela crítica; em outros, simplesmente discutir os princípios estéticos vigentes em determinado período histórico, seja com o objetivo de fazer repensar o presente, seja apenas com o objetivo de reavaliar o passado.



Verifica-se, pois, que os romances históricos que retomam os escritores brasileiros, às vezes, apresentam objetivos didáticos, outras, experimentações e inovações, conformando duas linhas principais no desenvolvimento desse tipo de narrativa. Dessa maneira, a meta deste artigo é elencar algumas obras que são romances históricos cujos protagonistas são autores da literatura brasileira que foram recriados, reinventados pela ficção tais como Bento Teixeira (1561-1600), Gregório de Matos (1636-1695), Antonio Vieira (1608-1697), Tomás Antonio Gonzaga (1744-1810?), Claudio Manuel da Costa (1729-1789), Gonçalves Dias (1823-1864), Qorpo Santo – pseudônimo de José Joaquim de Campos Leão (1829-1883), Machado de Assis (1839-1908), Graciliano Ramos (1892-1953), Augusto dos Anjos (1884-1914), Olavo Bilac (1865-1918), Clarice Lispector (1926-1977).

Iniciemos então, um passeio pela ficção brasileira que se potencializa com a reinvenção de autores renomados ou ignorados pelo cânone, mas que se tornam figuras paradigmáticas na medida em que sua recriação possibilita novas e insuspeitadas interpretações para os leitores de romances históricos brasileiros contemporâneos.

A recriação ficcional de Bento Teixeira

Na obra *O primeiro brasileiro* (1995), de Gilberto Vilar, o narrador conta a vida do poeta Bento Teixeira, autor da obra *Prosopopéia*, publicada em 1601 e uma das primeiras manifestações literárias do Brasil colônia.

Bento nasce na cidade do Porto, em Portugal. Seus pais, Álvaro de Barros e Lianos Róis, são cristãos-novos. Fugindo das perseguições contra os judeus, a família vem para o Brasil. Chega à Capitania do Espírito Santo. O pai não consegue prosperar nos negócios e acaba mudando-se constantemente. O filho estuda em colégios de padres, enquanto em casa, a mãe educa-o na religião judaica.

Na adolescência, Bento e os pais mudam-se para a Bahia. Seus pais morrem “da doença tropical”. Sozinho, Bento vai pedir ajuda e proteção ao Bispo, Dom Antonio Barreiros, no que é atendido. Termina o curso de Artes e, devido a uma desavença com outros colegas do Colégio de Padres, parte para a Capitania de Ilhéus. Torna-se “mestre de ensinar” meninos. Casa-se com Felipa Raposa. O casal tem dois filhos que morrem de peste. A mulher de Bento torna-se adúltera e ele passa a ter uma vida itinerante, mudando-se de um lugar para



outro (Ilhéus, Olinda, Pernambuco, Igarassu: “[...] mudar-se era a sina de Bento” (Vilar, 1995, p. 84).

Desembarca em Olinda o visitador do Santo Ofício, Heitor Furtado de Mendonça. Bento é acusado e, por duas vezes, presta depoimentos ao visitador. Ele é acusado de práticas judaizantes e “má língua” em relação a vários temas do catolicismo. Numa discussão, descontrola-se e mata a esposa. Refugia-se no mosteiro dos padres beneditinos. Tenta fugir de Olinda e é preso pela Santa Inquisição.

É enviado para Lisboa. Permanece encarcerado por vários anos. Termina confirmando as acusações do Santo Ofício e abjura o judaísmo. Com a saúde debilitada, é posto em liberdade. Tenta publicar seu livro sem sucesso. Pede para voltar a viver na prisão porque não tem dinheiro para pagar o aluguel da casa onde morava. Pouco tempo depois, morre de tuberculose, sem ver publicada a sua obra.

O romance estrutura-se em vinte capítulos e cada um, como os romances picarescos e de cavalaria, recebe um título extenso, que resume o seu conteúdo.

No final da obra, há uma cronologia dos principais fatos ocorridos no Brasil durante a vida de Bento e também as obras utilizadas pelo autor para escrever o romance, com a observação de que estas “podem ser consultadas na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro” (Vilar, 1995, p. 263).

Conforme pontua Antonio Roberto Esteves (2010), Gilberto Vilar constrói uma narrativa ágil, com uma linguagem elaborada a partir de elementos linguísticos retirados de obras do século XVI e XVII, numa mescla entre discurso ficcional e histórico e pretende dar visibilidade aos excluídos, no caso em questão, aos judeus e as perseguições perpetradas pelo Santo Ofício.

O autor de *Marília de Dirceu* e a ficção

O livro de Antonio Barreto, *A barca dos amantes* (1994), está dividido em quatro partes: 1) O homem que trazia o mar, 2) Livro das figurações, 3) Os deuses disfarçados e 4) Mar de mármore, nas quais se conta a história do amor infeliz entre o poeta Tomás Antonio Gonzaga e Dorotéia Joaquina de Seixas.



Tomás, formado em Direito, vai trabalhar em Vila Rica, como Ouvidor da Coroa Portuguesa. Conhece Dorotéia e por ela se apaixona. Escreve poesias e também sátiras, criticando o governador, Cunha e Menezes, dando-lhe o apelido de Fanfarrão Minésio e assina suas produções com o pseudônimo de Critilo. Em Portugal, tivera um filho natural, Antonio Luís, com Maria Emerenciana. No Brasil, dois: uma filha, Dalva, fruto de seus amores com sua escrava Djanira, e outro menino, Antonio Silvério, cuja mãe não se fica sabendo quem é.

Cláudio Manuel da Costa, Tiradentes, Tomás Antonio Gonzaga e outros pretendem tomar o governo no dia da derrama (a retenção de 20% do ouro levado às Casas de Fundição, que a colônia era obrigada a mandar para Portugal). No entanto, são traídos por Joaquim Silvério dos Reis e presos. Tiradentes é enforcado e esquartejado. Os demais têm suas penas comutadas pela de degredo. Tomás é degredado para Moçambique, na África, e Dorotéia passa a viver triste e solitária com a ausência do amado.

A barca dos amantes é, segundo o prefácio de seu autor, uma “colcha de retalhos romanceada” (Barreto, 1994, p. 11) e isso se percebe pelos intertextos que o autor estabelece com a obra de Tomás Antonio Gonzaga, com a citação de trechos de poesia do escritor árcade. A recriação ficcional da história de Tomás Antonio Gonzaga apresenta um tom acentuadamente romântico, com um final infeliz, uma vez que o casal de apaixonados se separa e nunca mais volta a se unir.

O homem e o escritor na reinvenção de Qorpo Santo

O romance *Cães da província* (1996), de Luiz Antonio de Assis Brasil, inicia-se com uma descrição da “Província de São Pedro do Rio Grande do Sul”, no século XIX. Aliás, o primeiro capítulo é o único a ter um título: “cronista”, refletindo as informações que nele dá o narrador. A obra está dividida em três partes: I) ...Divinizemo-nos antes, se pudermos (oito capítulos), II) Como pode um homem provar que não é louco (sete capítulos), III) Onde termina a mentira, começa o sonho (dez capítulos).

Na primeira parte, Qorpo Santo, um escritor, é considerado como louco pelos habitantes da cidade. Está separado de sua esposa, Inácia, com quem teve três filhas. Um de seus únicos amigos é o comerciante Eusébio, casado com Lucrécia, filha de “pai castelhano e



mãe índia”. Já no começo do livro, o escritor mostra-se um pouco “exótico”, ao trocar o nome do criado Juvêncio por Inesperto e assim o chamará até o fim da história.

A mulher de Eusébio foge com um vendedor de queijos, Raimundo, que era seu amante. Paralelo a este fato, ocorrem os desaparecimentos da personagem Januário, um caixeiro e seu cachorro. O casal de açougueiros, José Ramos e Catarina Palsen, é acusado como autor dos desaparecimentos.

Qorpo Santos ajuda Eusébio a forjar o sumiço de Lucrecia, alegando ao delegado, Dr. Dario Calado, que ela sumiu, deixando roupas e, sabendo que ela foi para Viamão, viver com o queijeiro, afirma que ela talvez possa ter ido para São Leopoldo. Ele não quer ficar desmoralizado perante a sociedade e teme que, com a revelação da verdade, seu comércio vá à falência.

Os corpos dos desaparecidos são encontrados na casa de José Ramos e sua mulher. Eusébio reconhece o corpo de uma mulher com a cabeça decepara e esquartejada como se fosse o de Lucrecia. Ela é enterrada e ele se torna “viúvo”.

Na segunda parte do livro, Inácia tenta interditar Qorpo Santo, declarando que ele dissipa os bens da família e não dá dinheiro para o sustento das filhas. Dois psiquiatras, Landell e Joaquim Pedro, são nomeados pelo juiz, para elaborar um laudo, atestando sua sanidade ou insanidade. Inácia vai à casa do esposo e ambos fazem amor. Depois, discutem e saem à rua, enrolados apenas em lençóis. Qorpo Santo é preso.

Na terceira parte, Lucrecia reaparece na vida de Eusébio. Passa a viver encarcerada em sua casa, até que ele a mata e a enterra no túmulo da desconhecida.

Os laudos elaborados sobre a saúde mental de Qorpo Santo são divergentes: o Dr. Landell é favorável à internação e o de Joaquim Pedro é contra. O juiz decide pela internação de Qorpo Santo. Ele é mandado para o Rio de Janeiro. Na viagem de navio, ele tem alucinações. Acredita que está na presença de Napoleão III e em meio a uma batalha naval entre França e Inglaterra. Até que percebe que tudo é fantasia, os navios e os marinheiros, a batalha, tudo se dilui. O capitão vem perguntar-lhe se precisa de algo, manda que se recolha porque está anoitecendo e começa a fazer frio. Assim, encerra-se o romance.

O narrador consegue tornar Qorpo Santo interessante para o leitor. A personagem vai sendo criada a cada página, encanta com a sua “loucura inteligente”. A simpatia vai crescendo ao tomarmos contato com suas solidões e frustrações. Ele tem um “ar” de



personagem machadiana (lembra um pouco o Rubião e o criador da filosofia do humanitismo, Quincas Borba). Além disso, recordemos a estátuas de Napoleão, presentes no romance de Machado de Assis e os diálogos de Qorpo Santo com Napoleão III. É possível observar a relação intertextual que se estabelece entre os dois textos, enriquecendo o relato sobre a vida de um escritor que pouca atenção da crítica recebeu e cuja versão ficcional humaniza sua figura e valoriza os seus escritos.

Vale mencionar ainda o artifício da *mise-en-abyme* (a ficção que se volta sobre si mesma, como num jogo de espelhos) que se localiza numa passagem da qual participam Qorpo Santo e Eusébio. O escritor ajuda o amigo a inventar uma história para o sumiço de sua esposa e depois relata esse fato numa obra que se intitula *O homem que enganou a província*.

O retrato de Qorpo Santo oferecido pela ficção é digno de nota, uma vez que o livro é bem estruturado, a sua história evolui dosando muito bem humor e drama, e se busca lançar luzes sobre um escritor praticamente desconhecido do público brasileiro.

O Bruxo do Cosme Velho na ficção²

O romance *Memorial do fim: a morte de Machado de Assis* (1991), de Haroldo Maranhão, divide-se em cinquenta e três capítulos. Cada capítulo tem um título, parodiando já no sumário a forma de apresentação dos romances machadianos.

A obra começa com a visita do crítico José Veríssimo ao amigo Machado de Assis, que está enfermo. Na casa deste, trata contato com Marcela Valongo e começa a suspeitar que ela tenha algum relacionamento com machado, a esta altura, viúvo de Carolina.

No texto há uma mistura de personagens de vários romances de Machado: Rubião, Palha, Virgília, D. Carmo, entre outros, com personalidades que fizeram parte da realidade histórica e cultural brasileira: José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Raimundo Correia, Euclides da Cunha etc.

² As ponderações sobre o romance *Memorial do fim*, de Haroldo Maranhão, encontram-se inseridas no artigo “A presença da história na ficção latino-americana contemporânea”, publicado na *Revista Iluminart*, IFSP – Sertãozinho-SP, vol. 1, n. 1, mar. 2009, p. 119-120.



Há uma fusão entre o Conselheiro Aires e Machado de Assis. Ambos passam a ser um só. Estão os dois moribundos. Ora Machado narra, ora Aires. E não são raras as vezes em que um principia o relato e o outro termina, convertendo a história num labirinto para o leitor.

Machado/Aires sabe que vai morrer. Resolve então deixar seus bens para Marcela Valongo, de quem parece apreciar a companhia e a amizade. A única forma encontrada para tal propósito é casar-se com ela. Faz o pedido e ela o aceita.

Os amigos ficam preocupados com a informação de José Veríssimo de que há uma jovem na casa do Bruxo do Cosme Velho. Com o prosseguimento do enredo, o leitor vai descobrir que Marcela é Hilda, cujo nome é trocado pelo narrador para Leonora e, no final, é levantada a hipótese de que talvez ela nem exista.

Surge uma romancista na história, Perpétua Penha Nolasco que, com o pseudônimo de Paulo Jatobá, quer publicar um romance de sua autoria e quer que Machado escreva o prefácio. Ele a recebe em sua casa, mas não escreve o prefácio, desapontando-a.

O casamento entre Machado e Leonora não se realiza. Os amigos e conhecidos que estão presentes na casa, no dia 28/09/1908, ouvem-no chamar por Leonora e acreditam que seja uma alucinação do moribundo. O narrador Machado/Aires morre e um narrador onisciente informa este fato para o leitor no último capítulo.

Para o leitor fica difícil até mesmo contar a fábula do romance de Haroldo Maranhão. A presença constante da intertextualidade (fragmentos, personagens, enxertos dos romances machadianos) chega a dificultar a leitura. A profusão de personagens, o narrador que se duplica e se funde num só conduzem o leitor a um labirinto do qual se perdeu o fio que poderia livrá-lo do emaranhado de situações e confusões do enredo.

O narrador constrói a sua narrativa com base em outros textos ou, mais acertadamente, calcado na premissa de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 1974, p. 64). Pelo menos, é esta a impressão que temos ao ler o romance. Para decodificar a mensagem de *Memorial do fim*, o leitor deve necessariamente ter lido atentamente *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Destas obras são extraídos trechos, personagens e situações que compõem o enredo da obra de Maranhão.

A paródia, o pastiche, a referência avolumam-se a cada página e, para não se perder no emaranhado narrativo, o leitor deve ler o livro com olhos e reflexões de um leitor



ruminante: “O leitor atento, verdadeiramente ruminante, tem quatro estômagos no cérebro, e por eles faz passar e repassar os atos e os fatos, até que deduz a verdade que estava, ou parecia estar escondida” (Assis, 1987, p. 127).

O texto por vezes torna-se difícil, contudo vale a pena o desafio de tentar decifrá-lo, de reencontrar toda a volubilidade, segundo Roberto Schwarz (1990), do narrador machadiano: infiel, indigno de confiança, ralhando com seus leitores, conduzindo-os por caminhos tortuosos, fazendo-os perderem-se nos trilhos da ficção.

O entrecruzamento de história e ficção na recriação de Graciliano Ramos

No livro *Em liberdade* (1994), de Silviano Santiago, o leitor entra em contato com a personagem Graciliano Ramos, que tenciona contar o período que se passou logo após a sua saída da prisão, no ano de 1937, quando foi encarcerado em Maceió, acusado de ser comunista.

No início da obra, ocorre a retomada paródica do expediente do manuscrito desaparecido e depois entregue a Silviano Santiago. Tal expediente vem sendo explorado ao longo de toda a literatura ocidental e o seu exemplo mais expressivo talvez seja o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, quando o narrador encontra numa feira um manuscrito de autoria de Cide Hamete Benengeli, no qual é contada a história de Dom Quixote.

O período narrado no romance abrange cerca de três meses da vida de Graciliano Ramos, indo do dia 14 de janeiro de 1937 a 26 de março do mesmo ano. A primeira parte da narrativa vai de 14/01/1937 a 14/02/1937. A segunda, de 15/02 a 26/03/1937.

Quando sai da cadeia, Graciliano Ramos e sua esposa, Heloísa, ficam hospedados na casa do romancista José Lins do Rego e sua mulher, Naná. Apesar de estar agradecido pela hospedagem, Graciliano sente-se incomodado desde o princípio e aceita o oferecimento de forma arredia. As preocupações com a falta de dinheiro e com os filhos que estão espalhados pelas casas de parentes e conhecidos são constantes. Graciliano quer arrumar um emprego, mudar-se da casa do amigo e trazer as duas filhas mais novas para residirem com ele e Heloísa no Rio.

Ambos resolvem vender a casa que possuem em Maceió e Heloísa parte para lá para tratar desse assunto. Graciliano fica encarregado de encontrar uma pensão para o casal.



Os amigos, Rubem Braga e Zora, conseguem um quarto na pensão de dona Elvira, na Rua Correia Dutra – Catete, para Graciliano e sua mulher. Ele muda-se para lá. Começa a escrever um conto sobre o assassinato do poeta árcade Cláudio Manuel da Costa. Segundo o que nos conta o narrador, o assassinato foi “transformado” em suicídio pelos poderosos de Vila Rica.

Em 26 de março, Graciliano vai buscar Heloísa e as duas filhas menores no cais, preocupado com o espaço reduzido do quarto que terá que abrigar quatro pessoas. O leitor não fica sabendo se ele concluiu ou não o seu projeto de escrever sobre o inconfidente Cláudio Manuel.

Ao ler o romance, o leitor fica com a sensação de que Graciliano Ramos é Paulo Honório, Luiz da Silva, Fabiano, todos amalgamados em um só. Por vezes, vislumbramos o atormentado Luiz da Silva de *Angústia*, com seus ciúmes, suas obsessões; outras, o Paulo Honório de *São Bernardo*, que tenta dominar a esposa, mas sem nunca conseguir anulá-la, e ainda, a força de Fabiano, o matuto de *Vidas Secas*, que não pode lutar contra a força dos poderosos porque não tem o domínio da linguagem para conseguir se expressar adequadamente.

O estilo observado no livro de Santiago aproxima-se da linguagem utilizada por Graciliano Ramos em seus romances, uma vez que no referido livro salta aos olhos “a poupança verbal; a preferência dada aos nomes das coisas e, em conseqüência, o parco uso do adjetivo; a sintaxe clássica” (Bosi, 2000, p. 404). Essas características estão presentes em todas as páginas do romance *Em liberdade*.

Na primeira parte da obra, o narrador troca propositadamente o nome do protagonista de *São Bernardo*: “Depois do livro pronto, notei que não era o José Honório que falava” (Santiago, 1994, p. 121). Como sabemos, o personagem central da narrativa em apreço é Paulo Honório. A intenção, certamente, foi a de chamar a atenção do leitor, alertá-lo, para que ele se conscientize de que o texto que está lendo é uma obra ficcional.

Outro fato importante dentro do enredo de *Em liberdade* é o cruzamento das histórias de Graciliano Ramos e Cláudio Manuel da Costa. Ambos são autores de textos literários, prosa e poesia respectivamente, aprisionados por regimes autoritários e intransigentes. No final, há uma síntese dos dois, que se transformam em um só: “Cláudio será Graciliano. Graciliano redige, mas quem escreve é Cláudio” (Santiago, 1994, p. 252). As histórias se confundem, se complementam, unindo num mesmo inconformismo frente às



arbitrariedades dos poderes constituídos e não aceitos, dois autores distantes no tempo e no espaço, mas que se irmanam e revelam para o leitor novas facetas e versões de duas personalidades literárias de suma importância para a história da literatura brasileira.

Ana Miranda e a literatura brasileira

A escritora cearense Ana Miranda publicou uma série de romances históricos nos últimos anos. O primeiro deles foi *Boca do inferno* (1989), “obra que deu fôlego à popularização do romance histórico em nosso país, nas últimas décadas” (Esteves, 1998, p. 143).³

No referido livro, é narrada a vida do poeta Gregório de Matos (1636-1695), o Boca do Inferno, como era conhecido, devido às suas sátiras aos governantes e ao clero da Bahia do século XVII.

A obra divide-se em cinco partes: a cidade (um capítulo), o crime (dez capítulos), a vingança (onze capítulos), a devassa (cinco capítulos), a queda (dois capítulos) e o epílogo, no qual se narra o destino da maioria das personagens.

O narrador principia o relato descrevendo rapidamente a cidade da Bahia, na qual se desenrola a trama do romance. A seguir, ocorre o crime do alcaide-mor, Francisco Teles de Menezes, praticado por Antonio Brito, seu inimigo por questões políticas, acompanhado por outros conspiradores encapuzados (Gonçalo Ravasco, Manuel de França, João de Couros, Luiz Bonicho, Donato Serotino e outros). Ele corta a mão direita da vítima.

Gregório de Matos é amigo dos conspiradores, no entanto não participa da ação criminosa.

Bernardo Ravasco, irmão do padre Vieira e pai de Gonçalo (participante do crime), fica com a incumbência de se livrar da mão do alcaide em cujo dedo anular há um anel de esmeralda e está embrulhada em panos. Ele pede a Maria Berco, empregada de sua filha, Bernardina Ravasco, que jogue o embrulho fora, sem verificar o seu conteúdo.

³ Algumas das considerações sobre Ana Miranda e suas obras, expostas nesta parte do artigo, fazem parte do texto “O entrelaçamento de história e ficção no romance *A última quimera*, de Ana Miranda, publicado na revista *Miscelânea*, Revista de Pós-Graduação em Letras, UNESP – Campus de Assis, vol. 7, jan./jun. 2010, p. 30-32.



Inicia-se a vingança do governador Antonio de Souza de Menezes, conhecido como o Braço de Prata, devido ao fato de ele não possuir um braço e substituí-lo por uma peça postiça de prata.

A mando do governador, vários conspiradores são presos e inclusive seus familiares, tais como Bernardina Ravasco, parentes de Antonio Brito até Maria Berco, que fica com o anel de esmeralda do falecido, vende-o e acaba sendo descoberta. O escrivão Manuel Dias, sua esposa e Donato Serotino são assassinados. Os homes têm suas mãos direitas cortadas, assim como Luiz Bonicho, que consegue salvar-se e foge para Portugal.

O padre Antonio Vieira (1608-1697) e a família conseguem informar ao rei sobre os fatos ocorridos na Bahia. O rei nomeia o desembargador Rocha Pita para averiguar os desmandos do governador: perseguições, assassinatos, prisões indevidas.

O governador é deposto e chamado de volta a Portugal. Bernardo Ravasco é libertado e consegue retornar ao cargo de secretário de Estado e da Guerra do qual fora afastado. Gregório de Matos apaixona-se por Mari Berco e consegue também libertá-la.

No epílogo, o narrador informa o destino dos personagens do romance – todos morrem. Gregório de Matos casa-se com a viúva Maria dos Povos, tem um filho, é infiel à esposa e morre na miséria. O padre Vieira morre em idade avançada, sempre envolvido em disputas e demandas e sem obter os favores do rei. Maria Berco morre na Ilha de São Tomé, sem rever o amado, Gregório de Matos e, assim, o romance encerra-se.

Portanto, Gregório de Matos e Antonio Vieira são os personagens centrais do livro de Ana Miranda e várias características de suas obras, assim como do movimento Barroco, são apresentadas na obra em apreço. As antíteses vida x morte, céu x inferno, Deus x Diabo, que são marcas inconfundíveis do estilo Barroco, aparecem por todo o romance. Também encontramos trechos das poesias e de textos de Gregório de Matos e Vieira ao longo da obra.

Em *A última quimera* (1995), Ana Miranda escreve sobre o poeta Augusto dos Anjos, narrando sua vida cheia de frustrações, fracassos, e cujo reconhecimento do valor literário de sua poesia só se deu após sua morte. Quando ele publicou sua única obra, o livro intitulado *Eu* (1912), a crítica dividiu-se em opiniões favoráveis e desfavoráveis, mas ninguém chegou realmente a compreender o que ele escreveu.



Outra personagem que se destaca nesse romance é Olavo Bilac. O narrador acaba estabelecendo um contraponto entre os dois poetas e entre as escolas que os dois representam: Simbolismo e Parnasianismo, respectivamente.

Da mesma forma que na obra sobre os poetas barrocos, em *A última quimera*, deparamo-nos com fragmentos dos poemas de Bilac e Augusto dos Anjos e comentários a respeito de suas produções poéticas e sobre várias características dos movimentos Parnasiano e Simbolista.

No ano de 1996, Ana Miranda escreveu um pequeno volume de noventa e cinco páginas, com o título de *Clarice Lispector - o tesouro de minha cidade*. Tal livro foi republicado em 1999, com o título de *Clarice: ficção*, pela Companhia das Letras.

Composta de fragmentos, a obra tem como protagonista a escritora Clarice Lispector (1926-1977). O seu estilo, personagens e títulos de suas obras vão aparecendo à medida que o narrador descreve a sua vida solitária num apartamento, ou as suas caminhadas de madrugada, na praia de Copacabana:

Espera, filho, vou fazer um café, deixa-me acender um cigarro.
Filho, onde estiveste de noite? (Miranda, 1999, p. 23).
A cidade está cheia de moças assim. Uma delas é chamada de Macabéa. Macabéa
paira entre os seres humanos, entra na mente de Clarice e nasce.
[...] Clarice leva Macabéa dentro de si (Miranda, 1999, p. 34-5).
Ele quer ouvir, ela fala e fala, como é bom ter alguém para nos ouvir, sabe, eu matei
os peixes, [...] (Miranda, 1999, p. 66).

Além de dados biográficos da vida de Clarice, aparecem títulos de suas obras - *Onde estiveste de noite?* (1974), *A mulher que matou os peixes* (1969) - e até o personagem Macabéa, do seu romance *A hora da estrela* (1973), está presente no texto de Ana Miranda.

A escritora em apreço pode ser considerada como a “renovadora do romance histórico brasileiro justamente por buscar, na opacidade ambígua do passado, aquilo que, nos documentos e arquivos, lhes é lacunar: os elementos poéticos, psicológicos e dramáticos, em poucas palavras, o sentimento vivo do passado”.⁴ Além disso, nota-se, na sua produção

⁴ Ministério da Cultura. Ana Miranda. Disponível em http://virtualbooks.com.br/osmelhoresautores/biografias/Ana_Miranda.htm. Acesso em 09 de maio de 2009.



ficcional, uma clara intenção de revalorizar romancistas brasileiros que foram negligenciados e esquecidos pelos críticos literários e também pelo público leitor.

No romance *Dias e dias* (2002), Ana Miranda repete a fórmula ficção-verdade e vai buscar no século XIX a história do poeta Gonçalves Dias (1823-1864), marcada pelo espírito romântico. Aliás, a linguagem do livro é tipicamente romântica, assim como a personagem-narradora, a verdadeira protagonista da obra, cujo nome é Feliciano. O poeta Antonio Gonçalves Dias passa a existir por meio das recordações de Feliciano, uma mulher sonhadora que, desde os 12 anos, tem um amor platônico pelo poeta, o qual a acompanha por toda a sua vida.

Há, como nos livros anteriores da escritora, o resgate histórico da época, contextualizando seres reais e ficcionais, através do delineamento das revoltas que atingiram o Maranhão, como é o caso da Balaiada - uma revolta popular na qual os pobres invadem e saqueiam casas de pessoas importantes, que são obrigadas a abandonar suas fazendas. A revolta termina com a morte de seus líderes.

Em *Dias e dias*, Feliciano parece ser a própria incorporação do espírito romântico oitocentista, conforme afirmação de Eunice Morais (2003, p. 459). Ela é uma memória ambulante que transforma Gonçalves Dias num ser etéreo, intocável e, ao mesmo tempo, tão presente. Feliciano é o sabiá, com toda a sua brasilidade, preso na gaiola e com saudades do poeta romântico nacionalista (Morais, 2003, p. 457-9).

Nas quatro obras que comentamos, constatamos que Ana Miranda revisita a história da literatura brasileira, partindo do Barroco (Gregório de Matos e Antonio Vieira), passando pelo Romantismo (Gonçalves Dias), Parnasianismo e Simbolismo (Olavo Bilac e Augusto dos Anjos), até chegar ao Modernismo (Clarice Lispector).

Conclusão

No artigo “O novo romance histórico brasileiro”, Antonio Roberto Esteves (1998, p. 145) sustenta que

o marco principal das obras que trazem escritores como personagens [é] um diálogo mais que intertextual, interdiscursivo, com a obra dos próprios escritores novelados. Do contraponto entre a obra do escritor e sua releitura em outro tempo pelo narrador



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de 2012

do romance, vem à luz não apenas uma leitura renovada de sua obra, mas também outra visão da própria história da literatura brasileira.

Assim, por meio da ficcionalização de escritores como Augusto dos Anjos, Qorpo Santo, Clarice Lispector, Machado de Assis, Olavo Bilac, Graciliano Ramos e outros, é possível fazer uma releitura da história da literatura brasileira que se torna muito mais prazerosa para o leitor, uma vez que esta é bastante distinta do ranço dos manuais, que elencam autores, obras e características dos movimentos literários e, muitas vezes, ignoram escritores que não são canônicos e que também merecem a atenção de estudiosos e críticos.

Dessa forma, o romance histórico brasileiro que se ocupa em ficcionalizar autores conhecidos ou desconhecidos do público, acaba por apresentá-los como homens, com suas qualidades, suas falhas e fraquezas, enfim, humaniza-os, transformando-os em seres humanos, que têm seus altos e baixos, os seus momentos de lucidez e de loucura, como seres verossímeis que iluminam o humano e oferecem novas e valiosas interpretações de suas obras e permitem que os leitores apreciem um novo modo de compreender e interpretar o vasto campo da historiografia literária brasileira.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Cães da província*. 6. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

BARRETO, Antonio. *A barca dos amantes*. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1994.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOTOSO, Altamir. A presença da história na ficção latino-americana contemporânea. *Revista Iuminart*. IFSP – Sertãozinho-SP, vol. 1, n. 1, mar. 2009, p. 110-124.



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de
2012

BOTOSO, Altamir. O entrelaçamento de história e ficção no romance *A última quimera*, de Ana. *Miscelânea*. Revista de Pós-Graduação em Letras, UNESP – Campus de Assis, vol. 7, jan./jun. 2010, p. 28-45.

ESTEVES, Antonio Roberto. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, Letizia Zini (org.). *Estudos de literatura e linguística*. São Paulo: Arte & Ciência; Assis-SP: Curso de Pós-Graduação em Letras da FCL/UNESP, 1998, p. 123-158.

ESTEVES, Antonio Roberto. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

KRISTEVA, Julia. Introdução à semanálise. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MARANHÃO, Haroldo. *Memorial do fim: a morte de Machado de Assis*. São Paulo: Marco Zero, 1991.

MILTON, Heloisa Costa. *As histórias da história*. Retratos literários de Crsitóvão Colombo. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, 1992.

Ministério da Cultura. Ana Miranda. Disponível em http://virtualbooks.com.br/osmelhoresautores/biografias/Ana_Miranda.htm. Acesso em 09 de maio de 2009.

MIRANDA, Ana. *Boca do inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MIRANDA, Ana. *A última quimera*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MIRANDA, Ana. *Clarice: ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de
2012

MIRANDA, Ana. *Dias e dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MORAIS, Eunice de. Resenha de Dias e dias. *REVISTA DE LETRAS*. Curitiba: Editora UFPR, n. 60, jul./dez. 2003, p. 457-459.

SANTIAGO, Silvano. *Em liberdade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

VILAR, Gilberto. *O primeiro brasileiro*. São Paulo: Marco Zero, 1995.